

## **Nostalgia**

Filipa Gonçalves

Almas gémeas existem?

Serei, alguma vez, verdadeiramente feliz?

Irei encontrar o par perfeito?

O que deveria fazer nesta situação?

Será certo? Será errado?

Irei arrepender-me?

Este é o género de questões que passam pela mente de todos os seres humanos, no mínimo, uma vez durante a sua existência.

Na realidade, ninguém é feito para ninguém. Nenhuma alma está presa à outra por leis divinas desconhecidas. E ninguém pode ser verdadeiramente feliz porque a vida é uma ilusão, uma piada de mau gosto, e o mundo onde vivemos é demasiado frio e cruel. A cada passo dado estamos mais perto do fim eminente.

As decisões que tomamos diariamente afetam-nos até ao dia em que a nossa presença já não seja sentida. São essas decisões, cobertas de sentimentos e emoções, que moldam a nossa personalidade e nos fazem ser quem somos.

Mas e, se o que parecer certo, trazer os piores sentimentos?

Na vida, não podemos dar nada como certo porque esta dá voltas de que não estamos à espera.

Depois de tomarmos decisões que influenciam tudo, já não se pode fazer nada para mudar ou evitar o que aconteceu. Então, nesse momento de desespero e ânsia para que o passado volte, encontramos-nos emergidos numa espiral avassaladora de palavras não ditas, sentimentos reprimidos e, acima de tudo, uma nostalgia profunda.

Transformar todo o conjunto de memórias a que geralmente chamamos de passado em palavras custa. Mas pensar nele como memórias aleatórias levadas pelo tempo destrói.

Refletir sobre as escolhas que poderíamos ter tomado, as palavras que podíamos ter dito, os momentos que podíamos ter aproveitado custa, mas é essencial para não cometer o mesmo erro duas vezes.

Deixei que o vento soprasse para demasiado longe o teu perfume, até ao ponto em que eu já não podia sentir o odor primaveral que já me tinha feito sorrir tantas vezes. Deixei que a água apagasse o teu toque suave que outrora fazia a minha pele pálida arrepiar-se. Deixei que a música se sobrepusesse ao som da tua voz melodiosa que me acolhia. Deixei que os teus beijos fossem substituídos. Deixei que as tuas fotografias fossem guardadas em gavetas, e as molduras que as protegiam fossem utilizadas para novas fotografias com outro alguém. Deixei que o tempo levasse as memórias.

Sempre ouvi dizer que devemos fazer o melhor para nós próprios, apesar de isso poder magoar os outros. Não sei se se pode considerar esse conceito egoísta ou não. A verdade é que, na altura, fiz o que era melhor para mim. Apenas pensei em mim.

De repente, já nada fazia sentido.